
AS ORIGENS DO PENSAMENTO DE EDMUND HUSSERL: DO PSICOLOGISMO À FENOMENOLOGIA

Águeda Vieira Martinelli

Resumo:

Este artigo tem por objetivo introduzir o leitor às origens do pensamento husserliano. Além disso, destaca o desenvolvimento de seu pensamento desde o psicologismo até a fenomenologia.

Palavras-chave: Ciência, Fenomenologia, Lógica, Psicologismo

Abstract:

This paper aims to introduce the reader to the origins of Husserlian's thought. Besides, It points up the development of his ideas from psychologism until phenomenology.

Keywords: *Science, Phenomenology, Logic, Psychologism*

Por uma ciência de rigor: as origens do pensamento de Husserl

Husserl preocupou-se sobremaneira em constituir uma filosofia como ciência de rigor ou ciência rigorosa. Considerava, de fato, que a filosofia em sua história sempre quis alcançar o científico. Por isso entendia que a fundamentação da filosofia deveria passar por uma racionalização radical, através de uma reflexividade extrema que proporcionaria consistência à filosofia. Em *Ciências do homem e Fenomenologia*, curso ministrado na Sorbonne por Maurice Merleau-Ponty entre 1949 e 1952¹, Merleau-Ponty ao introduzir o tema assevera: o problema que a fenomenologia buscou desde 1900 até então era o problema que Husserl se esforçou por resolver, a saber, “uma crise das ciências do homem e uma crise das ciências simplesmente, da qual ainda não escapamos” (MERLEAU-PONTY, 1973, p. 15). Seu desejo era encontrar um fundamento para as ciências, porque as ditas ciências do homem, psicologia, sociologia, história e também a filosofia estavam em crise. As pesquisas nestas áreas tenderam a apresentar “todo pensamento, toda opinião e, em particular, toda filosofia, como o resultado da ação combinada das condições psicológicas, sociais, históricas exteriores” (MERLEAU-PONTY, 1973, p. 15) e, conseqüentemente, o que ocorreu foi que a psicologia tendia para o psicologismo, a sociologia para o sociologismo, etc, erradicando os fundamentos de suas áreas. Quanto à filosofia, ela perde nesse contexto qualquer espécie de justificação, como diz Merleau-Ponty, porque a filosofia não deteria mais verdades, quanto mais verdades eternas, pois se vê “que as diferentes filosofias, inseridas no quadro psicológico, social e histórico ao qual pertencem, não passam de expressões destas causas exteriores [?]” (MERLEAU-PONTY, 1973, p. 16). O filósofo precisa poder distinguir o verdadeiro e o falso, o que não pode acontecer se seus enunciados exprimem condições naturais exteriores, afirma Merleau-Ponty. É

¹ Há divergências quanto à data do curso. No prefácio à edição brasileira a tradutora dá preferência as informações encontradas em *Merleau-Ponty ou la mesure de l'homme*, de Xavier Tilliette, com bibliografia elaborada por Alexandre Métraux e anexada a mesma obra, pois “os dados são fornecidos sem contradição e com extremo rigor”, (MERLEAU-PONTY, 1973, p. 7). Conforme X. Tilliette e A. Métraux, afirma Muchail, o programa foi ministrado no ano escolar de 1950-1951. O texto *Ciências do homem e Fenomenologia* é considerado uma boa introdução ao pensamento husserliano graças a sua destinação a estudantes, pois possui linguagem didática e “por isso mesmo de acesso relativamente fácil”, todavia ser “conciso, rigoroso, onde cada palavra é indispensável, o texto guarda aquela densidade madura, indiscutivelmente garantida pela seriedade e pelo porte de seu autor” (MERLEAU-PONTY, 1973, p. 9).

necessária uma reflexão interior na busca pela verdade intrínseca à própria filosofia. Tal abordagem positivista das ciências humanas volta-se contra quem a emprega, porque se o pensamento é condicionado por leis exteriores a ele, desde a enunciação desta afirmação o pensamento está comprometido e, em consequência, a área de pensamento esta comprometida. Se o próprio pensamento de uma área é condicionado por leis exteriores a ela, não haveria solidez, ou seja, perderia a validade ou a pretensão a verdade estaria constantemente sob xeque levando a um ceticismo, segundo conclui Husserl. Leva a um ceticismo radical porque é ceticismo com respeito a si próprio (com respeito à própria área em que se está atuando).

Para Edmund Husserl é de suma importância a busca por uma ciência rigorosa. Por isso, Husserl se empenha em retomar a tarefa do filósofo, desacreditado porque ingênuo em acreditar na expressão restrita de seu pensamento, como se fosse impermeável às circunstâncias, como se o mundo não o penetrasse e as ideias concretizassem o mundo. Desse modo, Husserl esforçou-se por encontrar a “certeza, restaurar a distinção entre o verdadeiro e o falso” (MERLEAU-PONTY, 1973, p. 21), mas não se opõe ao “psicologismo ou ao historicismo, pela pura e simples reafirmação da posição contrária, por ele mesmo denominada logicismo” (MERLEAU-PONTY, 1973, p. 16). Isso porque o logicismo é exatamente admitir uma esfera de verdade que é o lugar do pensamento não atingida por nada exterior a ela, por nada do mundo. Ou seja, não ser definitivamente atingido pelo mundo. Contudo, esse distanciamento da vida do filósofo com relação ao pensamento é uma abstração, pois o pensamento não está desligado da vida, da existência. Por isso, seria retornar ao psicologismo e ao sociologismo assumir o logicismo. Tal problema ocupou Husserl até seus últimos trabalhos, na tentativa de encontrar um caminho entre o logicismo e o psicologismo, assinala Merleau-Ponty.

O começo da carreira filosófica de Husserl foi marcado por influências determinantes para o rumo de suas ideias, principalmente no que refere ao desenvolvimento da fenomenologia. No século XIX o psicologismo era proeminente, considerando que a psicologia era tida como ciência, de modo que inevitavelmente o psicologismo inspirou Husserl, a princípio favoravelmente, mas em seguida rompendo e superando-o. Segundo Marvin Farber, o grande interesse pelo psicologismo nesta época se deu porque ele “sugeriu um caminho seguro para a solução de problemas difíceis da

lógica e da teoria do conhecimento, além de oferecer um substituto e um acréscimo para a perspectiva idealista em filosofia” (FARBER, 2012, p. 236). Na filosofia inglesa, o empirismo com John Stuart Mill e outros já tinha tal abordagem psicológica que veio, por sua vez, a fundamentar o psicologismo. A psicologia estava concorrendo ou, no mínimo, dividindo espaço com as matemáticas, que abandonavam cada vez mais os dados da intuição e se orientavam “para a construção de sistemas formais”, com a “ambição de realizar a unificação da sua disciplina, sonhada pelos Pitagóricos” (MERLEAU-PONTY, 1973, p. 23). Inserido nesse contexto, o grande objetivo de Edmund Husserl era superar a oposição entre objetivismo e subjetivismo, satisfazendo a “objetividade do conhecimento, seja ele ideal ou real”, e a “subjetividade do cognoscente” (ZILES, 2007, p. 217) como explica Ziles.

É para tais áreas do pensamento que a atenção do estudante Husserl se volta. Ao ingressar na Universidade de Leipzig, Husserl inscreve-se nos cursos de matemática, de astronomia, de física e de filosofia, interessando-se mais pela matemática e em decorrência disso trocando Leipzig após três semestres por Berlim. Em Berlim havia os prestigiados matemáticos Leopold Kronecker e Karl Weierstrass. Graças à influência de Weierstrass, Husserl abandona a astronomia e passa a se dedicar à análise. Kronecker, por sua vez, influenciou também Husserl em suas aulas com uma perspectiva “curiosamente cartesiana” no ensino da teoria dos números. Já nas aulas do filósofo Friedrich Paulsen entrou em contato com a preocupação de ligar a filosofia às ciências. Sobre Paulsen, o jovem Husserl reconhecerá que ele exerceu uma influência profunda e duradoura. Prevaleceu, entretanto, a influência de Weierstrass. Para completar sua dissertação de doutorado Husserl vai a Viena, onde a desenvolve tratando do cálculo das variações, sob o título de *Contribuições ao cálculo das variações*, em 1882. Ele retorna a Berlim por um ano e presta o serviço militar.

Podemos afirmar que o ano de 1884 foi de grande importância na vida de Husserl, pois após a defesa de sua tese em matemática e de passar um ano em Berlim, retorna a Viena indo frequentar os cursos de Brentano (impelido por curiosidade) de 1884 a 1886. Se nos seus estudos universitários a filosofia foi um objeto menor, isso não impossibilitou uma profunda dúvida sobre dedicar-se à filosofia ou a matemática, sendo que as conferências dos cursos de Brentano², as quais ele tratava de “filosofia

prática, lógica elementar e suas reformas necessárias e também falava sobre questões psicológicas específicas” (FARBER, 2012, p. 238), ajudaram Husserl a fazer sua escolha. Essas conferências o convenceram, apesar de seus preconceitos, “de que a filosofia é um campo de trabalho intenso, vigoroso, e que pode ser tratado no âmago da ciência mais rigorosa” levando-o “a tomar a filosofia como um projeto de vida” (FARBER, 2012, p. 238). No período dos cursos frequentado por Husserl, Brentano está interessado na psicologia descritiva, discutindo questões sobre esse assunto com Husserl. Trabalhou em suas conferências o *Paradoxos do Infinito* de Bernard Bolzano. Pode-se notar nos primeiros trabalhos de Husserl a influência que as ideias de seu mestre tiveram sobre seu pensamento, ele próprio reconhecendo ser devedor de Brentano. Em 1886, por recomendação de Brentano, Husserl vai a Halle para fazer sua habilitação com Carl Stumpf, a qual ele se concentrou na intersecção da filosofia e matemática, resultando na dissertação *Sobre o Conceito de Número (Über den Begriff der Zahl)*. Adiante, essa dissertação é aproveitada por Husserl para a elaboração do *Filosofia da Aritmética*.

Franz Brentano e o psicologismo

Começa a surgir por volta de 1880 uma desconfiança acerca do pensamento positivista quanto ao vínculo entre lógica, matemática e o psiquismo humano. Em outras palavras, começa a ser questionada a verdade ou relatividade da ciência. Procurou-se, pois “restaurar a exigência de uma crítica do conhecimento, regressar ao sujeito pensante que o positivismo tinha querido eliminar” (KELKEL; SCHÉRER, 1982, p. 23-24). Nesse contexto, na Alemanha a tradição kantiana ainda era forte e pretendeu-se retornar ao sujeito pensante através de Kant, surgindo uma nova forma de crítica capaz de integrar os conceitos científicos renovados incessantemente. O que o neo-kantismo procurou fazer foi “salvar a objetividade do conhecimento, separando o sujeito psicológico do ‘sujeito puro’”, porém, “com isto, o neokantismo ia ao encontro

² Talvez muito da escolha de Husserl se deu graças a personalidade de Brentano, o qual era dotado de clareza e estilo, utilizando em suas conferências uma linguagem “livre de toda a artificialidade, revelando sua perspicácia, uma inteligência viva através de um tom de voz bastante peculiar, velado, suave, acompanhado de gestos quase sacerdotais que faziam-no parecer um profeta de verdades eternas e um locutor de outro mundo”, (FARBER, 2012, p. 238). Husserl afirmaria, de fato, que sucumbira “à força daquela personalidade, apesar de todos os seus preconceitos” (FARBER, 2012, p. 238).

das descobertas e das aspirações novas; mais do que uma renovação, era uma restauração, um fazer sobreviver” (KELKEL; SCHÉRER, 1982, p. 24). Entretanto, de fato era preciso uma filosofia que tratasse satisfatoriamente do sujeito concreto, no seu viver imediato e histórico.

Nessa época, Franz Brentano traz novas ideias à psicologia com o seu *Psicologia do ponto de vista empírico*³, no qual critica “a introdução do naturalismo no estudo do psíquico, mas, sobretudo, aplica-se mais precisamente à descrição dos fenômenos em questão” (KELKEL; SCHÉRER, 1982, p. 24). Neste trabalho, Brentano destaca a *intencionalidade* através da distinção entre “a percepção interna e uma observação ilusória”, sendo a intencionalidade uma “particularidade essencial de todos os fenômenos psíquicos”, os quais “tal como se dão em si mesmos, tornam-se a base de toda a certeza” (KELKEL; SCHÉRER, 1982, p. 24), ou seja, na vida subjetiva encontrar-se-ia um princípio seguro para conhecimento. Se o clima da época pedia uma filosofia que trabalhasse o sujeito concreto, Brentano obteve considerável sucesso, pois tratava o ser como um retorno à vida e ao concreto, sem pressupor a metafísica ou o princípio reconstituído. Todavia, a escola brentaniana estava limitada ao campo da psicologia, afirmando o “fenômeno psíquico” como único livre de dúvidas, conforme explica Kelkel e Schérer, de maneira que “não podiam satisfazer uma exigência filosófica mais radical” (KELKEL; SCHÉRER, 1982, p. 25) e que questionasse a própria pretensão universal da psicologia.

Podemos encontrar as origens do psicologismo nos empiristas ingleses e sua base no conceito de *imanência*. Os empiristas encontram em Descartes os fundamentos de seus estudos, principalmente na inversão operada por Descartes no que refere a trazer para o sujeito a certeza do conhecimento, que não seria mais encontrado na realidade exterior. Todavia, a crítica dos empiristas toma uma posição contrária ao racionalismo cartesiano, pois eles consideram que o conhecimento se fundamenta nas experiências ou sensações do sujeito que está em contato com o mundo externo, isto é, o mundo exterior causa sensações no sujeito que despertam o conhecimento. Nesse

³ Em *Psicologia do ponto de vista empírico (Psychologie von Empirischem Standpunkt)*, Brentano formula a teoria da *intencionalidade*. Trata-se de reformular a ontologia de Aristóteles, com vistas a atribuir realidade ao ato de representar ou ato intencional e objetividade a esse tipo de existência que não tem realidade a que se chama existência intencional. Pode ser encontrado traduzido para o espanhol, em versão para a internet. Cf.: *Psicología desde um punto de vista empírico*, Trd: Hernán Scholten.

sentido, o referido princípio de imanência é introduzido por John Locke significando que só é possível ao sujeito ter acesso às próprias ideias, as quais são representações. Mais tarde, essa ideia influencia o psicologismo.

Apesar de introduzir esta noção, não é tanto o empirismo de Locke que influenciará o psicologismo, mas mais o empirismo de David Hume. Hume destaca que os objetos não se constituem de uma só vez no conhecimento humano, mas através das sensações. As novas experiências que vivemos são captadas ou percebidas pelos sentidos e ficam como que armazenadas, tornando-se ideias. A elaboração dos pensamentos é uma segunda parte deste processo, sendo chamado de percepção do espírito (mente). Portanto, a percepção do espírito é como a cópia da percepção dos sentidos. Encontramos tais ideias em *Investigação acerca do Entendimento Humano*⁴, sendo que Hume defendia um empirismo puro, pois para ele não é possível o conhecimento sem estar ancorado na experiência. Para Hume, a definição da natureza humana deveria ser buscada em uma ciência que tivesse como modelo a física newtoniana, segundo José Henrique Santos em *Do empirismo à fenomenologia. A crítica do psicologismo nas Investigações Lógicas de Husserl*⁵. Santos afirma também que os princípios de Hume dão origem ao psicologismo e ao naturalismo científico, no século XIX, e devemos destacar que o naturalismo defendia a redução do psicologismo à fisiologia neural – o que parece referir ao que se chama atualmente neurociência.

Conforme explica Martin Kusch em *Psychologism: a case study in the sociology of philosophical knowledge*, com a morte de Hegel em 1831, o idealismo na Alemanha começou a ser questionado vindo a filosofia a perder sua “posição dominante”, no que refere ao campo intelectual, para as ciências naturais. Desse modo, foi necessário se adaptar às novas circunstâncias. Muitos filósofos “adotaram uma atitude ‘naturalista’ ou ‘positivista’, isto é, o ponto de vista que o ideal de conhecimento e a justificação das ciências empíricas dão suporte à filosofia também” (KUSCH, 1995, p. 2), muitos desenvolvendo filosofias materialistas. Tal abordagem naturalista implicava buscar resolver as questões filosóficas através de pesquisa empírica. Kusch assere que “Este naturalismo filosófico alcançou seu pico na tentativa de tratar a lógica de uma maneira

⁴ Cf.: HUME, David. *Hume: vida e obra*. São Paulo: Nova Cultural (Coleção Os Pensadores), 1999, 352 p.

⁵ Cf.: SANTOS, J. H. *Do empirismo à fenomenologia. A crítica do psicologismo nas Investigações Lógicas de Husserl*. São Paulo: Loyola, 2010, 336 p.

psicológica”, maneira esta, como visto acima, “foi pavimentada pelo empirismo inglês (Locke, Hume e Mill)” (KUSCH, 1995, p. 2). Podemos entender que o psicologismo inicia inspirado nos empiristas ingleses, com a morte de Hegel, indo culminar nas *Investigações Lógicas* de Husserl em 1900.

Realismo lógico e psicologismo

No século XIX o realismo lógico e o psicologismo são opostos. Neste contexto, o realismo lógico pode ser considerado um tipo de platonismo, pois é uma teoria que “afirma a existência ‘em si’ (isto é, independente da subjetividade) de objetos e estruturas lógicas não menos que a nossa capacidade de conhecê-las” (PORTA, 2004, p. 109). Por seu turno, o psicologismo, como esclarece Porta, “têm uma infinidade de sentidos e o chamado ‘problema do psicologismo’ contém, em realidade, vários problemas”, de modo que podemos diferenciar ao menos três formas de psicologismo:

O psicologismo lógico é uma teoria que se propõe assimilar a lógica à psicologia, concebendo a primeira como parte da segunda e negando, desta forma, a existência de entidades e estruturas propriamente lógicas. O psicologismo semântico consiste em reduzir significações linguísticas a entidades psicológicas. O psicologismo epistemológico, finalmente, reduz o conhecimento (e/ou a validade epistêmica) a um processo psicológico (PORTA, 2004, p. 109-110).

Como já vimos, Edmund Husserl empenhou-se em construir uma filosofia rigorosa, o que no desenvolvimento de seus trabalhos encontrou na fenomenologia, profundamente inspirado por seu mestre Brentano⁶, principalmente por seu conceito de intencionalidade e pela investigação descritiva da percepção interna de Brentano. A busca de Husserl foi dominada, em sua filosofia, “pelo sentimento de uma crise da cultura” (DARTIGUES, 1981, p. 16), e que conforme Merleau-Ponty afirma, foi o esforço de Husserl por resolver simultaneamente uma crise da filosofia, uma crise das

⁶ Ainda que rompa sutilmente com Brentano, sem nem mesmo criticá-lo diretamente em *Prolegômenos*. Quando em *Prolegômenos* Husserl começa a defender a existência de entidades abstratas, isto é, aceitando o domínio de objetos ideais, rompendo com o ponto de vista empírico de Brentano, Husserl poderá desenvolver seu método fenomenológico, que inclui a intuição de essências, além de desenvolver sua própria teoria da intencionalidade.

ciências do homem e uma crise das ciências (DARTIGUES, 1981, p. 16)⁷. Os primeiros trabalhos de Husserl surgem em uma época (final do século XIX) na qual os grandes sistemas filosóficos estão desmoronando na Alemanha. As ciências ocupam este espaço deixado vazio pela ciência especulativa, de modo que se desenvolve o positivismo “para o qual o conhecimento objetivo parece encontrar-se definitivamente ao abrigo das construções subjetivas da metafísica” (DARTIGUES, 1981, p. 17). As ciências que mais se sobressaem são as matemáticas e a psicologia.

A filosofia procurou se aliar as ciências e a um formalismo, mas isto fez com que ela perdesse sua autonomia. No entanto, com a crise que começa a abalar o positivismo a partir de 1880, começou a ser questionado o alcance das leis descobertas pela ciência, e se a validade universal de tais leis – se elas têm validade universal – não seriam somente convencionadas e não dependeriam do psiquismo o qual a psicologia descobre as leis. Estes questionamentos encontram possível resposta no retorno a Kant, o neokantismo, “a partir da teoria do ‘sujeito puro’ que asseguraria a objetividade e a coerência dos diferentes domínios do conhecimento objetivo”, porém, surgem outros problemas como “o que fica do sujeito concreto, em sua vida psíquica imediata e em seu empenho histórico, que o pensamento objetivo não alcança explicação?” (DARTIGUES, 1981, p. 18). Neste sentido, o sujeito puro neokantiano é muito abstrato, surgindo a necessidade de retornar à vida, ao concreto ou ontológico, à existência. É exatamente a “aporia do neokantismo, que diluía o ser racionalmente no puro pensamento” (ZILES, 2007, p. 217) que Husserl procurou superar, ao menos em um primeiro momento.

Fases do pensamento husserliano

Husserl, tendo frequentado as aulas de Brentano e, portanto, sendo introduzido às ideias dele e estando ciente das questões acima descritas, somado a sua preocupação em encontrar uma filosofia de rigor, resolve-se por dedicar-se a filosofia. O contato de Husserl com Brentano ajudou-o a perceber o que as ciências humanas tinham de insuficiente, no sentido de que elas erram por tomarem as ciências empíricas ou da

⁷ Andre Dartigues está se referindo ao texto de Maurice Merleau-Ponty, *Les sciences de l'homme et la phénoménologie*, p. 1.

natureza como modelo e aplicando-o em seus campos sem perceberem que o objeto de cada uma é diferente. Não se trata de desprezar os resultados alcançados pelas ciências experimentais, mas o ponto importante para Husserl é que elas não determinaram exatamente seu objeto e por isso não sabem sobre o que são seus resultados. O naturalismo das ciências é criticado por Husserl porque “confundem o descobrimento das causas externas de um fenômeno com a natureza própria do dito fenômeno” (DARTIGUES, 1981, p. 20), o que tem graves consequências, mas que em geral pode ser expresso da seguinte maneira: “que os princípios diretores do conhecimento não são senão a resultante de leis biológicas, psicológicas ou sociológicas” (DARTIGUES, 1981, p. 20). Dessa maneira, tratar-se-ia de enxergar o mundo de “maneira ingênua como mundo dos objetos” (ZILES, 2007, p. 218) porque seria desconsiderado o observador, isto é o objeto seria independente do observador.

Embora assumidamente devedor de Brentano, já em 1887 em seu primeiro trabalho, o próprio Husserl observou que seu pensamento era completamente diferente do seu mestre. Podemos descrever sucintamente que Brentano “buscava uma psicologia cujo tema fossem ‘os fenômenos psíquicos’ os quais entre outras coisas, eram definidos como consciência ‘de’ alguma coisa” (FARBER, 2012, p. 240), mas isso não impediu que sua filosofia não passasse de uma ciência da intencionalidade. Farber comenta que Brentano sequer percebeu “que nenhuma experiência dada de consciência deve ser descrita sem a afirmação do objeto intencional pertinente como tal” (FARBER, 2012, p. 240), entre outros problemas que Brentano não percebeu. Por isso, apesar de uma primeira fase⁸ de seu pensamento que podemos chamar de psicologista, graças a seu contato com Franz Brentano e Carl Stumpf⁹, Husserl rejeita esta fase e supera o psicologismo, especialmente graças às críticas de Gottlob Frege¹⁰ a esse trabalho.

A fase que resulta no *Filosofia da Aritmética* é baseada nas reflexões husserlianas sobre a aritmética e a lógica, que eram um “terreno privilegiado, por causa

⁸ O pensamento de Husserl pode ser dividido, por exemplo, em períodos: psicologismo, fenomenologia descritiva e fenomenologia transcendental. Conforme divide Farber em *Edmund Husserl e os fundamentos de sua filosofia*, p. 240. Kelkel e Schéerer, por outro lado, consideram que “se é um fato que há evolução e etapas ou níveis diferentes, ligados por uma espécie de fio condutor, cada etapa contém também uma unidade estática, mais ou menos fechada, pois cada escrito de Husserl... se apresenta como um todo auto-suficiente” (KELKEL; SCHÉERER, 1982, p. 25).

⁹ Fase na qual ele escreve, em 1891, *Filosofia da Aritmética* (*Philosophie der Arithmetik*)

¹⁰ Veremos adiante sobre essas críticas de Frege ao *Filosofia da Aritmética* de Husserl.

dos problemas que põem ao conhecimento”, pois “*definem leis a priori*, verdades eternas e universais, verdades ‘em si’, que não podem, razoavelmente, ser tomadas como produto da consciência, ou, mais genericamente, da simples organização do cérebro humano” (KELKEL; SCHÉRER, 1982, p. 25). O trabalho que desenvolveu no período em Halle resultou numa análise psicológica do conceito de número que foi incorporado ao *Filosofia da Aritmética*. Na introdução do *Filosofia da Aritmética* Husserl esclarece as duas tarefas aí trabalhadas, que são: “uma análise dos conceitos básicos da aritmética e a clarificação lógica dos métodos simbólicos usados na aritmética” (MOHANTY, 1995, p. 47), aos quais correspondem as duas partes do livro. Encontramos na primeira parte do livro o questionamento psicológico acerca dos “conceitos de pluralidade, unidade e número, na medida em que estas entidades, isto é, pluralidade, unidade, e número não são dados em formas simbólicas”; já na segunda parte é considerada “a representação simbólica das mesmas entidades e mostra que a origem da aritmética geral é limitada ao simbólico, a apresentação numérica” (MOHANTY, 1995, p. 47). Husserl diferencia a representação simbólica da intuição representativa, pois na primeira a “coisa representada é ela mesma dada” e na segunda “a coisa é representada somente por um símbolo” (MOHANTY, 1995, p. 47). Husserl desenvolve uma filosofia da aritmética que, nesse estágio, é empirista. Isso porque “as fundações do pensamento aritmético repousam nas intuições concretas sobre as quais a mente aplica suas atividades de atenção, abstração, combinação coletiva e reflexão” (MOHANTY, 1995, p. 48). No entanto, Husserl não pretendia psicologizar os números, mas apresentar uma teoria de como surgem nossas representações dos números, sendo as intuições e conceitos tais representações. Porém, Husserl não conseguiu conciliar a objetividade dos números com a subjetividade dos processos mentais envolvidos, o que implicava uma noção de intencionalidade diferente daquela de Brentano, a qual ele se inspirou em suas análises.

Emmanuel Levinas aponta que em *Filosofia da Aritmética*, o psicologismo tem “a importância das investigações sobre a subjetividade para esclarecer a origem das representações” (LEVINAS, 1997, p. 16), pois

sobretudo a noção de subjetivo implicada nessas análises contrasta com a do psicologismo da época: a subjetividade não é abordada como um *conteúdo* da consciência, mas como uma *noese* que pensa alguma unidade objetiva, que a atinge em certa medida ou em certo

sentido. A aritmética não se reduz a um jogo da causalidade psicológica, mas a unidades de sentido. Elas só se relacionam com o sujeito pelo seu sentido e na medida em que o sujeito é pensamento (LEVINAS, 1997, p. 16).

O que mostra que Husserl não fugiu ao espírito da época, o psicologismo, pois busca no sujeito a origem subjetiva das noções, como explica Levinas. Isso não impediu, já em *Filosofia da Aritmética*, Husserl enxergar as limitações do psicologismo, indicando um caminho a futuras análises.

Segue-se uma fase anti-psicologista e mais voltada à filosofia da lógica, com a publicação em 1900-1901 das *Investigações Lógicas*, sendo que no volume introdutório encontram-se as críticas de Husserl ao psicologismo, o *Prolegômenos à Lógica Pura* (1900). Já no segundo volume das *Investigações Lógicas*, com o subtítulo de *Investigações sobre a fenomenologia e teoria do conhecimento*, a fenomenologia surge pela primeira vez como uma espécie de psicologia que teria por competência descrever estruturas mentais; é nesse segundo volume que Husserl desenvolve o método fenomenológico que veremos adiante.

A crítica de Husserl ao psicologismo

Ainda que Brentano seja determinante quanto à decisão de Husserl no que refere a dedicar-se a filosofia, e mais ainda por ter influenciado suas primeiras ideias encontradas em *Filosofia da Aritmética*, o rompimento entre os dois é ainda de maior relevância, porque irá resultar na fenomenologia husserliana. Mas, como ocorre essa mudança em Husserl? Nos anos de 1900 Husserl já desvia das ideias de seu mestre, e em muitas cartas de Brentano torna-se praticamente evidente a sua insatisfação com a mudança de posição de Husserl. Qual foi a mudança de posição que afetou a relação entre Husserl e Brentano? Esta mudança que desviou Husserl das ideias de Brentano diz respeito a questão: faz ou não sentido aceitar o domínio do ideal? Conforme Huemer¹¹ explica, todos os pontos em que Husserl discorda de Brentano são derivados desse ponto. Por seu lado, Brentano se defendeu da acusação de psicologismo em 1911,

¹¹ Para uma visão mais ampla da relação entre Husserl e Brentano, Cf.: HUEMER, W. Husserl's critique of psychologism and his relation to the Brentano School. In: *Phenomenology and Analysis: Essays on Central European Philosophy*. Frankfurt: ontos, 2004, p. 199-214.

através de oito parágrafos em *Vom Psychologismus*. Sinopticamente, Brentano esclarece que se o psicologismo se define como “uma teoria a qual contesta a validade universal do conhecimento, uma teoria segundo a qual outros seres, além dos humanos, poderiam ter conhecimentos que se opõem diretamente ao nosso” (BRENTANO, 1971, p. 170), então ele sublinha que não seria psicologista e sempre rejeitou e combateu este subjetivismo.

Encontramos nos *Prolegômenos a lógica pura*¹² a crítica feita por Husserl ao psicologismo. Esta crítica não se dá de maneira súbita, sendo que a crítica de Gottlob Frege desempenhou papel fundamental nesta mudança, tese amplamente aceita por muitos críticos. Quando Husserl publica seu *Filosofia da Aritmética* em 1890 e em artigos posteriores, ele defende que os fundamentos da lógica podem ser clarificados através da psicologia¹³. Em 1894, Frege critica o *Filosofia da Aritmética* quanto a uma confusão por parte de Husserl no que refere ao número e a representação do número. Para Frege¹⁴ há uma clara distinção, pois a representação do número é psíquica, subjetiva e atinente a cada indivíduo que tem acesso as suas próprias representações. O número ele mesmo seria ideal, objetivo e acessível intersubjetivamente. Para Frege, ao tentar explicar a origem psicológica dos números, Husserl confunde o número com a representação do número, caindo num psicologismo.

Desde a introdução do *Prolegômenos a lógica pura*, Husserl já indica sua preocupação central – expressa no título do texto – com a lógica:

Ainda hoje estamos muito distantes de uma geral unanimidade a respeito da definição da lógica e do conteúdo de suas doutrinas essenciais. Isto não quer dizer que a lógica atual ofereça o mesmo espetáculo que fazia na metade do século. Das três direções capitais que encontramos na lógica, a psicológica, a formal e a metafísica, a primeira alcançou uma

¹² *Prolegômenos* teve como fundamento lições de Husserl proferidas no ano de 1896 em Halle, sendo escrito em 1899 e publicado em 1900, como introdução as *Investigações Lógicas*. Em 1913, Husserl publica a 2ª edição do *Investigações Lógicas*, incluindo o *Prolegômenos a lógica pura*, sem muitas mudanças essenciais. Na primeira edição de *Investigações lógicas*, encontramos as seis investigações somente.

¹³ D. Follesdal em *Husserl und Frege* refere-se ao artigo de Husserl publicado em 1894, *Psychologische Studien zur Elementaren Logik*. De acordo com Follesdal, a mudança, portanto, deve ter ocorrido entre 1894 e 1896, considerando-se que a famosa crítica de Frege ao *Filosofia da Aritmética* se deu em 1894, de modo que “Follesdal, em vista disso, conjectura que a crítica de Frege deve ter levado Husserl a uma completa revisão de seu modo de pensar anterior. Esta visão, sobre a relação Frege-Husserl é compartilhada por muitos autores”. (MOHANTY, 1977, p. 22).

¹⁴ Cf.: MOHANTY, J.N. *Readings on Edmund Husserl's Logical Investigations*, artigo de Frege traduzido para o inglês: Frege, G. Review of Dr. E. Husserl's Philosophy of Arithmetic, p. 6-21.

preponderância decisiva, quanto ao número e significação de seus representantes. Sobretudo por influência daquele distinto pensador [John Stuart Mill]. (HUSSERL, 1976, p. 35).

Ele salienta, no entanto, que as outras duas direções, a formal e a metafísica continuam se propagando, de modo que as “as questões de princípio discutíveis, que se refletem nas distintas definições da lógica, seguem sendo discutidas” (HUSSERL, 1976, p. 35). Mas, no que refere ao conteúdo das exposições dos diferentes autores, segundo Husserl eles usam as mesmas palavras para expressar pensamentos diferentes. A “lógica psicológica”, a mais ativa dentre elas, não oferece uma base sólida no sentido que Husserl entende, ou seja, ela não precisa a distinção entre “convicção individual e verdade obrigatória para todos” (HUSSERL, 1976, p. 36). Neste sentido, Husserl percebe a necessidade de retornar a questionar os fundamentos da lógica.

O psicologismo lógico, para Husserl, tinha como característica assumir que as regras normativas da lógica seriam baseadas nas leis empíricas da psicologia, portanto, o psicologismo foi a tentativa de naturalizar a lógica, “através da redução das leis da lógica às leis da psicologia que, por sua vez, são generalizações indutivas de fatos observáveis ou, para ser mais preciso, de fatos que são percebidos pela percepção interior” (HUEMER, 2004, p. 202), o que seria o maior erro do psicologismo. Stuart Mill e Theodor Lipps, por exemplo, são citados como psicologistas que consideravam a lógica meramente como uma arte de pensar (*l'art de penser*), ou seja, seria somente um ramo da psicologia.

A psicologia começa a tomar impulso como uma área experimental em 1879, quando Wilhelm Wundt (1832-1920) cria o primeiro laboratório de psicologia em Leipzig. Com o auge dos estudos psicológicos, a direção psicologista da lógica cresce e o esforço dos psicólogos se concentrou em construir a disciplina sistematicamente baseada nos princípios admitidos como válidos. Apesar de tantos significativos pensadores empenhados em colocar a lógica no caminho seguro da ciência, não ficou claro que tenha sido alcançado esse intento. Nesse sentido, a partir do momento que se pretende tomar a psicologia como o fundamento da lógica, Husserl quer mostrar o que há de errado com relação a essa intenção, tornando claro que a lógica é uma disciplina independente. Husserl argumenta que como a psicologia é uma ciência dos fatos e, pois, é uma ciência experimental, ela adota a indução como método de investigação. A psicologia analisa casos particulares e procura descrever a regularidade do que é

observado, para disso inferir leis gerais, as quais Husserl afirma que são regras empíricas, de maneira que a validade dessas “leis gerais” dependeria sempre das circunstâncias, isto é, dos casos particulares. Isto mostra que estas “leis gerais” não são leis propriamente, porque são somente generalizações da experiência.

Outro ponto ressaltado por Husserl é a necessidade de diferenciar as leis gerais psicológicas das leis da lógica que são leis válidas *a priori* porque as leis da lógica não devem ser baseadas em uma ciência empírica, tal como a psicologia. O erro fundamental dos psicologistas em considerar as leis do pensamento como leis causais da natureza seria o resultado de confundir “as leis lógicas com os juízos (no sentido de atos de julgar) onde aquelas são acidentalmente conhecidas; isto é, [confundir] *as leis como ‘conteúdos de juízo’* com os *juízos mesmos*”¹⁵, onde vemos que os juízos são

acontecimentos reais, que tem suas causas e efeitos. Em particular os juízos, cujo conteúdo é uma lei, atuam com muita frequência como *motivos do pensamento*, que determinam o curso de nossas vivências mentais como prescrevem justamente aqueles conteúdos as leis do pensamento. Em tais casos, a ordem e ligação real de nossas vivências mentais se ajusta a lei geral, pensada no ato de conhecimento que imprime a direção; é um caso particular e concreto da lei geral. Mas, confunde-se a lei com o ato de julgar, com o ato de conhecer a mesma, ou seja, o ideal com o real, a lei aparece como uma potência determinante do curso de nosso pensamento. Com facilidade muito compreensível, adiciona-se, então, uma segunda confusão, a confusão entre *a lei como membro do processo causal e a lei como regra deste processo*.¹⁶ (HUSSERL, 1976, p. 79).

Esta segunda confusão é favorecida pela confusão anterior entre a lei e o conhecimento da lei, segundo Husserl. As leis lógicas seriam causadoras do pensamento, mostrando que deveríamos “pensar a consequência da natureza em nosso espírito” (HUSSERL, 1976, p. 79). O ponto é que quando pensamos de maneira diferente dessa que as leis requerem indicaria que não julgamos propriamente dito “como exigem as leis naturais do pensamento ou a *índole própria do nosso espírito* como espírito pensante, senão como decretam, também causalmente, outras leis; seguimos as duvidosas influências do hábito, da paixão e outras coisas semelhantes”¹⁷ (HUSSERL, 1976, p. 79). Isto mostra a Husserl que os psicologistas fazem depender

¹⁵ Itálicos do autor.

¹⁶ Itálicos do autor.

¹⁷ Itálicos do autor.

diretamente do processo psíquico o conteúdo do ato, isto é, o processo lógico em si dependeria da constituição física humana, levando a conclusão de que não haveria verdade sem esta constituição. Devemos notar, porém, que Husserl concorda que a espécie humana é um fato, mas exatamente por que é um fato, se se tentasse fundar a verdade sobre um fato tal qual a constituição natural da espécie humana, seria dizer que a verdade é um fato. Bem, para Husserl, todo fato se define por ser individual e, por isso, temporalmente determinado. Já a “verdade em si” esta acima das qualidades empíricas e não faz sentido “atribuir o discurso de uma determinação temporal” (HUSSERL, 1976, p. 79). Resumidamente, a confusão a ser evitada é a seguinte: confundir o juízo como “conteúdo de juízo”, que significa, como unidade ideal, com o ato de julgar concreto. Fica nítida a proximidade dos dois pontos, e talvez por isso mesmo ocorra tal confusão.

Do outro lado dessa querela, os partidários da “lógica formal e demonstrativa”, fazem uma separação rigorosa entre a lógica e o psicologismo, o que se mostra extremamente necessário a fim de evitar que se confundam os domínios do real e do ideal. Herbart, Hamilton e Jäsche são citados por Husserl como uns dos que contestam que a lógica seja fundamentada na psicologia e que, tampouco, a lógica seria uma arte de pensar ou uma técnica do pensar. Os lógicos acreditam que a distinção entre a psicologia e a lógica está no “caráter normativo da lógica”, em que “a psicologia – se diz – considera o pensamento como é; a lógica, tal como deve ser” (HUSSERL, 1976, p. 69). As leis de que a psicologia se ocupa são leis da natureza, porque ela se incumbem do processo psicofísico, enquanto que a lógica se ocupa das leis normativas do pensar. Como é uma ciência de fatos e como ciência experimental, a psicologia esclarece como se dá o pensamento, o que leva a generalizações empíricas, conduzindo a generalizações contingentes, como expressa Husserl. Entretanto, já na lógica, trata-se de regras necessárias, de como deveríamos pensar e ela está interessada em analisar as conexões ideias entre as proposições. A lógica seria, pois, para seus partidários, uma disciplina independente, tendo como característica ser formal e demonstrativa.

Por seu turno, os psicologistas se contrapõem a tais objeções dos lógicos, levantando a questão: como pensar as conexões ideias prescindindo das conexões naturais que estão presentes nos processos psicofísicos? Dizem, também, que o pensamento como *deve ser* é uma modalidade do pensamento *como é*. Eles ressaltam,

por fim, que mesmo que se diferencie o real do ideal, o raciocínio lógico está ligado ao ato psicológico, não se desliga dele ou ocorre separado dele. Husserl cita Christoph Sigwart como exemplo de lógico psicologista defensor desse vínculo. Exatamente, “O problema da psicologia é investigar as leis da conexão real dos processos de consciência entre si, como também com as disposições psíquicas respectivas e com os correspondentes processos do organismo corporal” enquanto que a lógica “não pergunta pelas origens e consequências causais das operações intelectuais, senão pela verdade de seu conteúdo; pergunta que qualidades *devem ter* e como *devem* transcorrer estas operações, para que os juízos resultantes sejam verdadeiros”¹⁸ (HUSSERL, 1976, p. 70). A diferença, portanto, é que psicologistas como Sigwart não pretendem unificar os domínios do real e do ideal, fundamentando o pensar como *deve ser* no pensar *como é*. Entretanto, Husserl vê nesta concepção problemas, pois, afinal, a questão não é negar que os atos psicológicos estão por trás da manifestação das leis lógicas, mas que não se pode confundi-los, reduzindo as leis lógicas às leis psicológicas. Por isso, Husserl se esforça em mostrar que dos fatos não podemos extrair leis absolutas, de maneira que se assim o fosse, o saber humano seria inconsistente, levando inevitavelmente a um ceticismo radical.

Husserl conclui que as leis lógicas não são leis indutivas, todavia a psicologia não fundamenta a lógica essencialmente, mas participa na fundamentação da lógica. Para ele é importante esta distinção, como falamos, porque sem ela culminaria em um ceticismo o qual abalaria a pretensão de fundamentação, de modo que dever ser evitado.

A fenomenologia

Nas palavras de Husserl, a fenomenologia é um método “que tem por ‘meta’ a constituição da ciência da essência do conhecimento ou doutrina universal das essências” (GALEFFI, 2000, p. 14). Já no segundo volume das *Investigações Lógicas* ele desenvolve este método fenomenológico. Se o primeiro volume das *Investigações*

¹⁸ Itálicos do autor. Husserl continua: “Os juízos justos e os falsos, os intelectivos e os cegos, vão e vem segundo as leis naturais, tem seus antecedentes e suas consequências causais, como todos os fenômenos psíquicos. Mas estas conexões naturais não interessam ao lógico; este busca conexões ideais, que não encontra realizadas sempre, senão só excepcionalmente, no curso efetivo do pensamento”, (HUSSERL, 1976, p. 70).

Lógicas, o *Prolegomena*, foi bem recebido pelo seu conteúdo anti-psicologista, o segundo volume por sua vez foi criticado porque pareceu um retorno ao psicologismo. Edmund Husserl se dedica nas seis investigações que compõem o segundo volume a “desenvolver precisamente o domínio dos processos mentais na medida em que eles são as fontes originais dos quais as unidades de significação analisadas pela lógica são clarificadas” (MORAN, 2002, p. 106). Na introdução de 1901 ao segundo volume, Husserl afirma que “a fenomenologia é psicologia descritiva” (MORAN, 2002, p. 106)¹⁹, mas devemos destacar que na edição de 1901 das *Investigações Lógicas* a preocupação de Husserl é distinguir a psicologia descritiva da psicologia genética. Na primeira parte das *Investigações*, portanto, Husserl procurou mostrar que é psicologismo reduzir entes ideais a vivências. Logo, na segunda parte das *Investigações* Husserl busca comprovar a independência das ideias sendo que tal é fundamentado numa análise das vivências psíquicas e por isso ele afirma no segundo volume das *Investigações* que a fenomenologia seria essencialmente psicologia descritiva. Ou seja, a fenomenologia se assemelha a psicologia descritiva no que refere a investigação das vivências psíquicas que fundamentaria a independência das ideias e tão somente nesse sentido. Entretanto, na segunda edição das *Investigações Lógicas* (1913) Husserl rejeita o termo psicologia descritiva e “se preocupa em distinguir a fenomenologia de todos os tipos de psicologia como entendidas tradicionalmente, incluindo a psicologia descritiva brentiana” (MORAN, 2002, p. 106). Assim, a psicologia passa a ser vista como a “descrição dos processos mentais como eventos e fatos reais na natureza, enquanto a fenomenologia é entendida como a contemplação de essências puras baseadas nos exemplos de intuições individuais da experiência (incluindo experiências imaginadas espontaneamente)” e, além disso, a fenomenologia é uma “visão das essências [...] que examina a essência da percepção, julgamento, sentimento como tais, não como neste ou naquele organismo animal” (MORAN, 2002, p. 106-107). Ou seja, já apresenta a fenomenologia como fenomenologia transcendental²⁰ e distancia-se tanto dos psicologismos quanto de sua concepção na primeira edição das *Investigações* de que a fenomenologia seria, em certo sentido, psicologia descritiva, conforme visto acima.

¹⁹ Moran está citando das *Investigações Lógicas*. Cf.: LI, p. 262. HUA, XIX 1/24.

²⁰ Conferir o artigo de Carlos Diógenes Côrtes Coutinho, *A consciência e o mundo: o projeto da Fenomenologia Transcendental de Edmund Husserl*. Goiânia: Revista de Abordagem Gestáltica, 2009, v:2, p. 93-98.

Há dois pontos, principalmente, em que o pensamento de Descartes e Husserl se aproximam: quando o conhecimento dito válido é colocado em questão e suspenso para que seja possível “ir às coisas mesmas” e a tentativa de fundamentar o conhecimento no sujeito ou *ego cogito*. Não é por acaso essa proximidade, pois para Husserl a “fenomenologia é o acabamento da tentativa de Descartes de fundamentar o conhecimento na certeza reflexiva do *ego cogito* e de suas *cogitationes*” (ZILES, 2007, p. 217), de modo que “ a reflexão fenomenológica parte da correlação de cada *cogito* com seu *cogitatum*, que nunca é um objeto isolado, mas desde logo deve ser concebido como objeto em seu mundo” (ZILES, 2007, p. 217). Em outras palavras, há um indivíduo que conhece algo, mas este algo está em um mundo ou tem um alcance para ele que não é restrito ao objeto puramente; é espaço-temporal e atinge o indivíduo. Ser um indivíduo inclui sua percepção, seu background, seu pensar, sua interpretação daquilo que lhe vêm. O que Descartes e Husserl mostram é que as coisas não estão completamente isoladas e vêm ao sujeito isoladas e são apreendidas da mesma maneira, isoladas e em si mesmas. Eles dizem que a percepção do mundo (objetos, etc.) é impregnada pela própria percepção do sujeito do mundo. A questão é que a filosofia não pode pensar as coisas empíricas como apodíticas (ZILES, 2007, p. 218), como explica Ziles.

A partir do *Idéias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica* surge a redução fenomenológica e vemos nessa obra uma nova fenomenologia, a transcendental. Como explica Farber, no *Ideias* temos “a apresentação sistemática da nova fenomenologia” onde “o fenomenológico é distinguido da ‘atitude’ natural” que “pressupõe a existência do mundo, em conjunto com outras pressuposições normalmente feitas” (FARBER, 2012, p. 243). A atitude fenomenológica requer que as pressuposições sejam postas “entre parenteses” ou suspensas. É a chamada *epoché* ou *suspensão de juízo*.

Considerações finais

Procuramos neste trabalho tornar o mais claro possível as fundações do pensamento do filósofo Edmund Husserl, com o intuito de ser uma introdução abrangente também do contexto histórico-filosófico de sua obra. É bem sabida a busca

incessante de Husserl por uma filosofia que fosse uma ciência de rigor livre do psicologismo ou de traços de subjetivismo, mas é igualmente importante o impacto que o contato com Franz Brentano e a psicologia teve em sua obra. Com o método da redução fenomenológica a filosofia “tornava-se agora a ciência mais fundamental e a base absoluta de todo o conhecimento” através da “suspensão de todas as crenças nas realidades transcendentais” (FARBER, 2012, p. 243). Por si só a fenomenologia proporciona mais do que um artigo, de maneira que extrapola o âmbito do presente artigo.

Vimos que em meio a uma crise das humanidades e da filosofia, Husserl empreende encontrar um fundamento para as ciências, procurando retomar na filosofia a distinção entre verdadeiro e falso. Husserl estava inserido em um contexto no qual a psicologia e as matemáticas estavam evidenciadas, além da lógica. Nesse contexto, lógica e psicologia foram contrapostas por muitos. Com Franz Brentano, Husserl tem contato com o psicologismo e inspirado por seu mestre decide dedicar-se a filosofia, haja vista que sua formação era na área da matemática. Ele identifica que as ciências humanas cometem um erro ao tomarem as ciências empíricas como modelo de aplicação no campo filosófico. Apesar de no *Filosofia da Aritmética* o psicologismo ter o peso de *esclarecer a origem das representações*, Husserl procura distanciar-se de Brentano e dos psicologismos. Ele identifica os pontos em que os psicologistas erram, como considerar que as leis do pensamento são leis causais da natureza. Por último, vimos que a partir de sua obra *Idéias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica* Edmund Husserl apresenta a redução fenomenológica e a fenomenologia transcendental distanciando-se definitivamente da psicologia descritiva ao fazer uma severa autocrítica à primeira edição *das Investigações Lógicas* por ele próprio ter aproximado a fenomenologia da psicologia descritiva naquela obra.

Referências bibliográficas

BRENTANO, F. *Vom Psychologismus*. Trd: Evandro O. Brito. In: *Psychologie vom empirischen Standpunkt. Zweiter Band*. Editado por KRAUS, Oskar. Hamburg/Felix Meiner Verlag, 1971, p. 179-182.

CHRUDZIMSKI, A; HUEMER, W. *Husserl's critique of psychologism and his relation to the Brentano School*. In: Phenomenology and Analysis: Essays on Central European Philosophy. Frankfurt: Ontos, 2004, p. 199-214.

DARTIGUES, André. *La fenomenología*. Barcelona: Herder, 1981.

DEPRAZ, Natalie. *Compreender Husserl*. Petrópolis: Vozes, 2007.

FARBER, Marvin. *Edmund Husserl e os fundamentos de sua filosofia*. In: Revista da abordagem gestáltica, XVIII (2), Jul-Dez, 2012, p. 235-245.

GALEFFI, D.A. *O que é isto — a fenomenologia de Husserl?* In: Ideação, n. 5, jan./jun. 2000, p. 13-36.

HUEMER, W. *Husserl's critique of psychologism and his relation to the Brentano School*. In: Phenomenology and Analysis: Essays on Central European Philosophy. Frankfurt: Ontos, 2004, p. 199-214.

HUSSERL, Edmund. *Investigaciones lógicas*. Madri: Rev. De Occidente, 1976.

KELKEL, A; SCHÉRER, R. *Husserl*. Lisboa: Edições 70, 1982.

KUSCH, M. *Psychologism: a case study in the sociology of philosophical knowledge*. London: Routledge, 1995.

LEVINAS, E. *Descobrimos a existência com Husserl e Heidegger*. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

LYOTARD, J-F. *La fenomenologia*. Barcelona: Paidós Studio, 1989.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Ciências do homem e Fenomenologia*. Trd: Salma Tannus Muchail. São Paulo: Saraiva, 1973.

_____. *Signos*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

MOHANTY, J.N. *The development of Husserl's thought*. In: SMITH, Barry; SMITH, David Woodruff. *The Cambridge companion to Husserl*. United Kingdom: Cambridge University Press, 1995.

_____. *Husserl and Frege: a new look at their relationship* In: *Readings on Edmund Husserl's Logical Investigations*. Nijhoff: The Hague, 1977.

MORAT, Dermot. *Introduction to Phenomenology*. London: Routledge, 2002.

PORTA, M. A. G. *A polêmica em torno ao psicologismo de Bolzano a Heidegger*. In: Síntese: Revista de Filosofia. Belo Horizonte, Vol. 31, n. 99, jan/abr, 2004, p. 107-131.

ZILES, Urbano. *Fenomenologia e teoria do conhecimento em Husserl*. In: Revista da Abordagem Gestáltica – XIII (2), jul-dez, 2007, p. 216-221.